

**Egon Vettorazzi**

Arquiteto e Urbanista pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), mestrando do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) na Área de Preservação Ambiental.

## A RELAÇÃO DO HOMEM COM O ESPAÇO CONSTRUÍDO E A PSICOLOGIA AMBIENTAL

O homem, durante toda a sua existência, é dependente de uma das características mais poderosas do espaço: o fato de estar sempre submetido a ele. Sempre estamos em algum lugar. A força dos estímulos espaciais é contínua, permanente e ininterrupta ao ser humano. Dessa maneira, todo ambiente provoca no indivíduo comportamentos através dos quais o homem pode manifestar seus sentimentos com relação ao espaço que ocupa. Para isso, é fundamental considerar que o espaço e o homem são indissociáveis e que constituem uma relação de troca.

Assim, o ambiente construído é expressão da relação com a cultura dos indivíduos, sendo ele o lugar onde o ser humano se identifica e se expressa, individual e coletivamente, onde apreende o papel estruturante deste na organização psíquica do ser humano. O ambiente construído é espaço privilegiado do afeto, uma vez que é um elemento constituinte do ser humano, conferindo-lhe importância e significados inquestionáveis na arquitetura e no urbanismo.

## O homem, o espaço construído e a cultura

A complexa e sofisticada apropriação do espaço, bem como a maneira como este é percebido pelas pessoas varia entre culturas, influenciando diretamente a técnica de avaliação de tamanho e distância. No entanto, há semelhanças que repousam basicamente no fato descrito por Protágoras de Abdera (480 a.C - 410 a.C.) "...o homem é a medida de todas as coisas...".

Dessa forma, os estudos das proporções físicas humanas e a sua relação com o ambiente construído já alcançaram patamares inquestionáveis. No ocidente, por exemplo, pode-se considerar um dos maiores destaques, nesse campo, o "Modulor", criado pelo Arquiteto franco-suíço Le Corbusier em 1950, que depois publicou o Modulor 2 em 1955 (Figura 01).

Outro exemplo é o "Homem Vitruviano" de Leonardo da Vinci (1452-1519), datado de 1490 (Figura 02). Esta obra sintetiza importantes ideais voltados para a relação entre o homem e o universo. Da mesma forma, ela está associada à arquitetura, como instrumento de projeto e como simbologia.

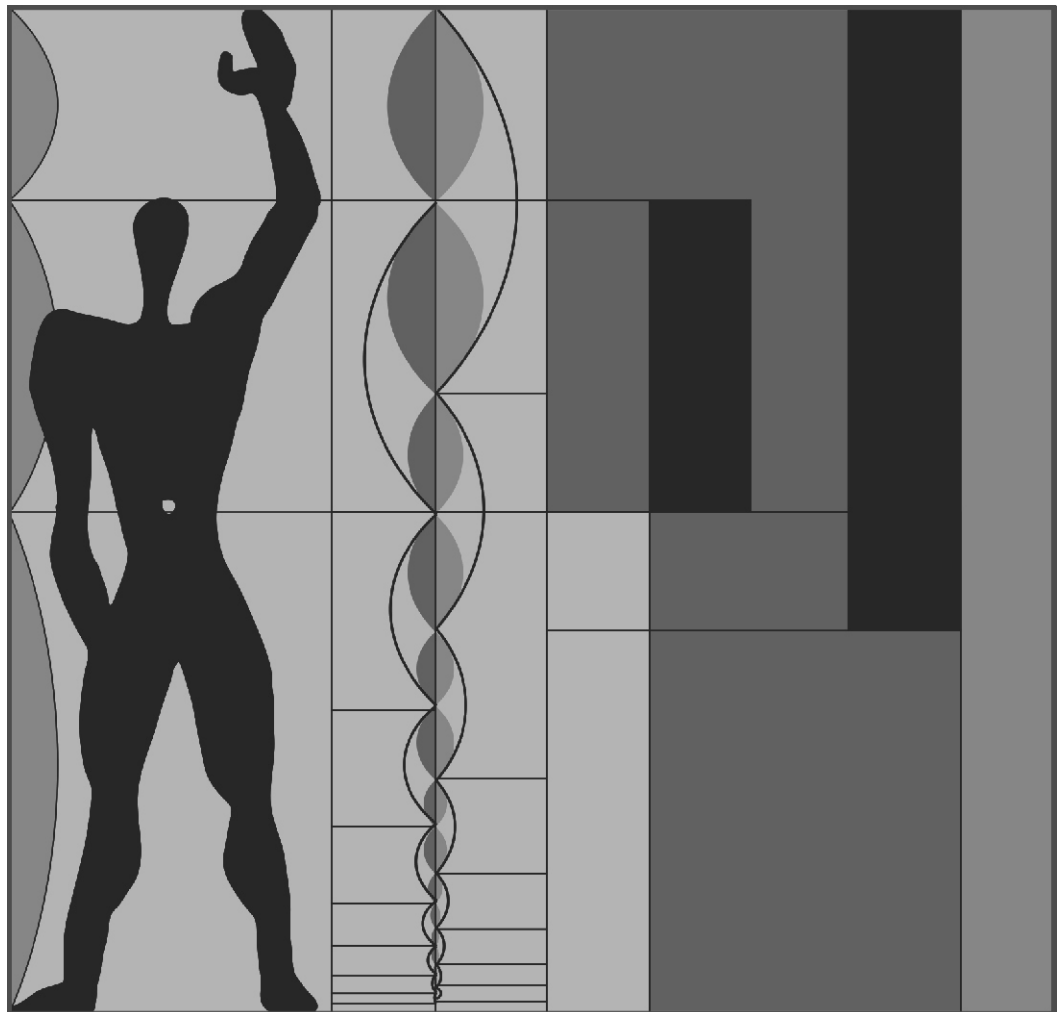


Fig. 1: Modulor do arquiteto Le Corbusier, mostra a preocupação com o estudo das proporções humanas no espaço construído. Fonte: <http://www.educ.fc.ul.pt/>, modificado por Egon Vettorazzi

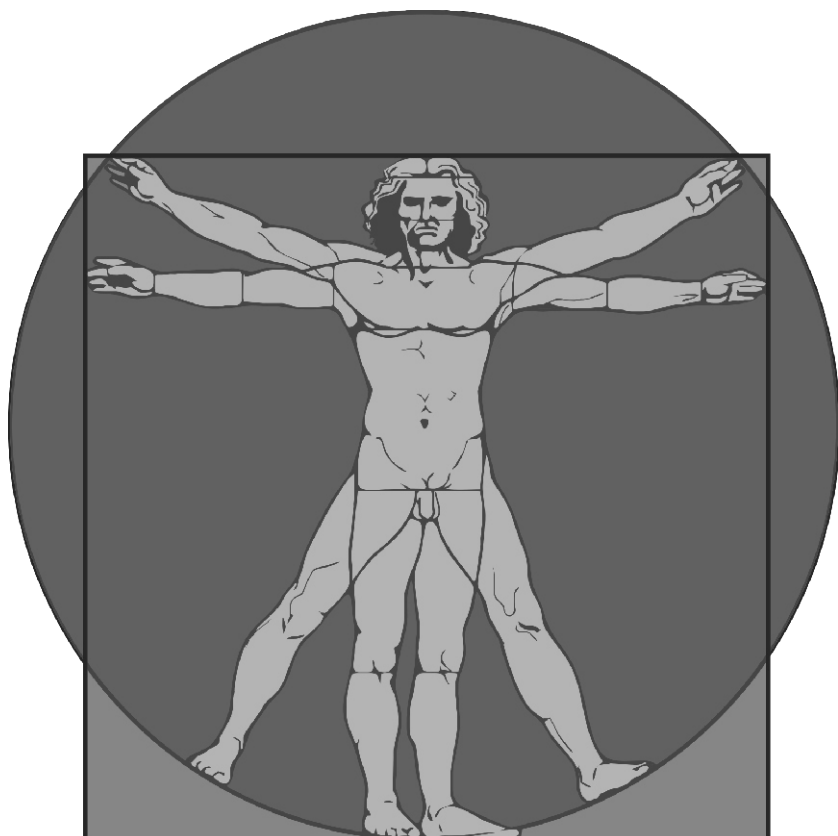


Fig. 2: Homem Vitruviano de Leonardo da Vinci. A inspiração para este desenho veio do tratado *De Architectura*, do arquiteto romano Marcus Vitruvius Pollio. A obra defendia que os edifícios deveriam se basear na simetria e proporção da forma humana. Segundo o arquiteto, o corpo humano com os braços e pernas estendidos ajustava-se perfeitamente ao círculo e ao quadrado.

Fonte: obra de domínio público (Wikipedia 2010), modificado por Egon Vettorazzi

Na medida em que o homem cria espaços construídos, possibilita uma simbiose. Relaciona suas sensações e percepção, as quais interferem no meio, que, por sua vez, provoca nele novos sentimentos provenientes da necessidade de adequação positiva ou negativa, em busca do conforto físico e mental. Mesmo sem forma arquitetônica, as pessoas são capazes de sentir a diferença entre interior e exterior, fechado e aberto, escurecido e luz, privado e público.

O espaço arquitetônico pode definir estas sensações e transformá-las em algo concreto, definindo também suas relações. As pessoas sabem melhor quem são e como devem se comportar quando o ambiente é planejado pelo homem, ou não, quando o ambiente é a própria natureza.

Assim, diferentes conformações espaciais, sendo elas espaços abertos ou fechados, provocam sensações comportamentais distintas no ser humano. O espaço aberto, sem caminhos trilhados ou sinalização, sugere futuro e convida à ação, porém também podem passar sensação de ameaça. Já o espaço, quando organizado às proporções e necessidades do homem é lugar, ou seja, um centro calmo de valores estabelecidos. O homem necessita dos dois, pois a vida humana é um constante movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade.

Com o processo de globalização, apesar das diferentes percepções de espaço e lugar pelos indivíduos de culturas distintas, observa-se uma tendência à homogeneização das características espaciais. Os espaços são concebidos com os mesmos significados nas diferentes partes do planeta. Essa globalização cultural é um processo constante e é uma realidade de imposição de modelos culturais, muitas vezes inadequados à nossa realidade, abrangendo aspectos espaciais e climáticos, como no caso da chamada "arquitetura internacional".

Com isso, mesmo cidades de origens culturais muito diferentes apresentam inúmeras semelhanças de organização do espaço e da malha urbana, composição volumétrica, plástica e estética das edificações. Essas características em comum podem ser perfeitamente perceptíveis em duas das maiores metrópoles do mundo ocidental e oriental: Nova Iorque (Figura 03) e Tóquio (Figura 04).



Fig. 3: Cidade de Nova Iorque, símbolo de metrópole ocidental apresenta características estéticas e espaciais comuns com a maioria das grandes cidades do mundo. Fonte: Disponível em: <[http://www.siemens.com/press/en/presspicture/?press=en/pp\\_cc/2007/01\\_jan/sos ep200701\\_07\\_\(megacities\)\\_1430582.htm](http://www.siemens.com/press/en/presspicture/?press=en/pp_cc/2007/01_jan/sos ep200701_07_(megacities)_1430582.htm)>. Acesso em: 10 ago. 2010.

### A psicologia ambiental: o estudo da inter-relação do homem com o ambiente

A psicologia ambiental é o estudo do comportamento humano na relação com o meio ambiente ordenado e definido pelo homem. É um campo da psicologia explorado por pesquisadores desde 1960. Essa área do conhecimento estuda a relação recíproca entre o comportamento humano e o ambiente físico e mantém interface com a sociologia e antropologia urbana, ergonomia, desenho industrial, paisagismo, engenharia florestal, arquitetura, urbanismo e geografia, entre outras.

Sendo assim, a especificidade da Psicologia Ambiental é a de analisar como o indivíduo avalia e percebe o ambiente e, ao mesmo tempo, como ele está sendo influenciado por esse mesmo ambiente.

O psicólogo Kurt Lewin (1890-1947) foi um dos primeiros a dar relevância à relação entre o ser humano e o ambiente. O seu objetivo foi determinar a influência que o meio ambiente exerce sobre o homem, as relações que estabelecem com ele e o modo como as pessoas agem, reagem e se organizam conforme o meio ambiente.

Para Moser (1998) a Psicologia Ambiental analisa as dimensões sociais e culturais que estão presentes na definição dos ambientes, mediando também, como o indivíduo o avalia e o percebe. Cada pessoa tem condutas individuais e particulares com relação ao ambiente físico, ao mesmo tempo, que está sendo influenciado por ele. Dessa forma, essa inter-relação é dinâmica, tanto nos ambientes naturais quanto nos construídos. Ela é dinâmica porque os indivíduos agem sobre o ambiente, mas esse ambiente, por sua vez, modifica e influencia as condutas do homem.

Portanto, o espaço físico é determinante para o comportamento que a pessoa irá apresentar, por exemplo, se estivermos num espaço restringido, pequeno, atuaremos de maneira diferente de nosso modo de agir em um espaço amplo. A avaliação e percepção que temos desse espaço também vão influenciar na nossa maneira de atuar; interagimos diferentemente dependendo do local. A partir desta apreciação, segundo Pinheiro (2004) a Psicologia Ambiental vem sendo pensada como a Psicologia do Espaço, pois observa e reflete sobre as percepções e comportamentos dos sujeitos em relação ao contexto físico e social no qual estão interagindo.

A complexa elaboração de projetos de espaços abertos ou fechados deve considerar dentre os inúmeros aspectos físicos objetivos, tais como questões legais e econômicas, também os aspectos subjetivos que envolvem o comportamento e as necessidades humanas e, nesse sentido, os conhecimentos vindos do campo da psicologia ambiental podem contribuir. Da mesma forma, pode-se notar que, pelo viés da psicologia, há uma lacuna na trama que envolve a troca de informações entre as necessidades humanas, sua realidade e a construção de espaços físicos para um determinado público.

Arquitetos e Urbanistas (dentre outros profissionais especificamente treinados para

conceber e tratar os espaços) entremeiam-se com a prática da psicologia, pois seus esforços na direção do que pretende se obter quanto ao comportamento humano é em grande parte intuitivo. Há necessidade de trabalhos interdisciplinares para enriquecer um diagnóstico técnico frente ao comportamento humano, tanto na concepção dos objetivos, quanto na busca de técnicas adequadas para cada caso específico.

Deste modo, o Arquiteto e Urbanista deve ser consciente da dimensão de significados sociais e culturais do homem no tempo e no espaço. A sua atuação, comprometida pelo entendimento dessa realidade, contribuirá para o planejamento de estratégias de intervenção para as melhorias dos ambientes construídos e para os problemas da degradação ambiental, solidificando a arquitetura de maneira adequada às necessidades locais dos indivíduos.

### Considerações finais

Ter em conta a importância da solidificação dos fundamentos da arquitetura, dentre os quais se encontram as questões dialógicas entre o espaço e o homem, representa um custo reduzido no processo de produção arquitetônica e constitui um benefício para a sociedade, tendo em consideração que a qualidade do ambiente espacial alcançará a médio e longo prazo, um maior bem-estar social, a melhoria do meio e, até, um maior crescimento econômico.

Conforme a época e a cultura em que se integra o projeto, esses planos acabam por sofrer nuances de acordo com as necessidades, os interesses e os objetivos aí subjacentes. Por mais distintas que essas matrizes se revelem, a orientação do projeto não deve omitir o fundamento arquitetônico que visa garantir o conforto do homem na sua vivência/experiência espacial. Para isso, é fundamental considerar que o espaço e o homem são indissociáveis e que se constituem como um intrínseco processo dialógico.

Conhecer as relações entre o homem e o ambiente é fundamental para buscar um melhor ajuste nas análises subjetivas de uma investigação tão complexa, que leva em consideração não só os aspectos técnicos construtivos, mas também os aspectos técnicos subjetivos com os desejos e necessidades físicas e mentais do homem.

Sendo assim, o desafio para os Arquitetos e Urbanistas está em desenvolver e aplicar, na prática profissional, instrumentos metodológicos e projetuais que permitam aumentar as chances de acerto na atividade de planejar e intervir no espaço, levando em consideração os aspectos de trocas entre o homem e o espaço bem como os fatores determinantes da cultura local. Podem ser perfeitamente perceptíveis em duas das maiores metrópoles do mundo ocidental e oriental: Nova Iorque (Figura 03) e Tóquio (Figura 04).

imp  
eto



Fig. 4: Cidade de Tóquio, metrópole oriental com organização típica da cultura ocidental. Apesar da diferença cultural existente em diferentes partes do mundo, o aspecto plástico da cidade se mantém praticamente igual.  
Fonte: Disponível em:  
<<http://www.photoeverywhere.co.uk/east/japan/slides/tokyonight0263.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2010.

### REFERÊNCIAS:

LEITÃO, Lúcia. Espaço do abrigo? Espaço do afeto! In: Projeto de Lugar (pág. 365). Contra-Capa, 2002.

MOSER, Gabriel. Psicologia Ambiental. Estud. psicol. (Natal), Jan./June 1998, vol.3, no.1, p.121-130.

PINHEIRO, José & Günther, Hartmut & GUZZI, Raquel S. L. Psicologia Ambiental: entendendo as relações do homem com o seu ambiente. 1 ed. São Paulo: Átomo & Alínea, 2004.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: DIFEL, 1983. 250 pg.